



# BUREAU

A editoração eletrônica é uma caixa de surpresas. Tem dia que você acha que cercou o bicho por todos os lados, separou todas as imagens para o scanner, copiou todos os TIFFs, fontes e EPS, tudo checado e rechecado. Mas, no caminho entre o seu Mac e a Imagesetter de Souza e tudo acaba em paçoquinha. As fontes dos EPS trocam por Courier, os TIFFs saem em preto-e-branco e as imagens parecem que foram escaneadas por um daltônico. De quem é a culpa? Do bureau, é claro. Pelo menos é isso que você vai dizer ao seu cliente.

Nem sempre é. As estatísticas provam que na maioria dos casos o erro é de quem faz, principalmente porque o DTP é uma ciência empírica, onde você aprende enquanto vai fazendo. Tentativa e erro. Muito erro.

Mas há bureaus e bureaus. Com o boom da editoração eletrônica, multiplicaram-se bureaus "multiplataforma" por todo o país. É fundamental fazer uma consulta ao mercado antes de mandar seus disquetes para o bureau mais perto de sua casa. Pergunte aos amigos. Faça uma visita, converse com o pessoal e veja o trabalho que eles já fizeram. E lembre-se que isso pode não adiantar nada, porque justo o seu trabalho pode estar marcado pela Lei de Murphy para dar errado. Podia ser pior. Você poderia estar neste momento lendo a revista PCMania e trabalhando em uma daquelas máquinas mara-

vilhosas, cheias de janelas e ícones bonitinhos, mas ordinários. Ai sim, mandar um arquivo para o bureau é uma aventura, onde tudo pode acontecer. E onde geralmente nada acontece. "Meus clientes Mac entram aqui com outro batimento cardíaco", diz um amigo dono de bureau. Tarefa ingrata essa, ser dono de bureau. Semelhante

# ONDE TUDO PODE ACONTECER

fornecedor. Se a conversa durar realmente quinze minutos, desista. Ninguém que conhece o Mac a fundo consegue falar tão pouco sobre esse assunto. Por último, não se deixe impressionar pela quantidade e qualidade das máquinas de um bureau. Pelo menos essa característica, o processo eletrônico manteve em relação às gráficas convencionais: o que vale mais não é a máquina, mas a pessoa que está na frente dela. Neste país, bons profissionais que conheçam a fundo o Macintosh e impressão eletrônica se contam nos dedos. Um bureau que consegue treinar e manter bons funcionários (sim, porque a maioria sai para abrir seu próprio negócio ou dar consultoria) com certeza é um bom bureau.

E aqui vai uma homenagem da coluna Ombudsmac ao panga\*, este incansável e desconhecido batalhador. O panga é o cara que pode salvar sua imagem escaneada com um filtro bem feito, descobrir porque trocou a fonte por Courier e arranjar um jeito de não trocar mais. O dono do bureau pode até não ser um macmaniaco, mas o panga com certeza é.

Um bom passo para se obter bons resultados em um bureau é ficar amigo do panga. Reconhecê-lo como bom profissional que é. Assim ele não vai se incomodar em mudar para CMYK aquele TIFF que você mandou em RGB, sangrar o fundo para além da marca de corte e outras gentilezas. ☺



a ser barriga de aluguel: você perde a parte divertida da produção e fica com o pepino de gerar o rebento e as dores do parto.

Por essas e por outras, a dica primordial é: macmaniaco procura bureau não encontre um bureau tão xiita quanto você. Infelizmente, o mercado de editoração no Brasil é dominado pelos PCs e os bureaus precisam sobreviver. Mas um Macmaniaco conhece outro à distância. Bata um papo de quinze minutos sobre Macintosh com seu possível

\*Panga (adj.) - Indivíduo empregado em uma função subalterna, com uma jornada de trabalho de no mínimo dez horas por dia, responsável por um trabalho que exige grande esforço físico e mental, que vê todos os elogios e cumprimentos pelo trabalho bem feito serem dirigidos ao seu superior imediato. Corruptela de pangaré.